

CRÔNICA

Cláudio Ferreira claudioferreira_64@hotmail.com

O cinema está me chamando

Entre os hábitos mudados com a pandemia, me vi distante das salas de cinema. Quando ninguém podia sair de casa, senti muita falta dos filmes na tela grande, ainda mais porque não sou da turma que maratona séries. Mesmo depois de todas as salas estarem liberadas e a saúde coletiva estar restabelecida, demorei a retomar uma rotina que era minha desde a adolescência. Nunca tinha ficado mais de duas semanas sem procurar a programação, escolher a opção predileta e planejar (e executar) uma ida ao cinema.

Sou da geração que fez dos cinemas de rua a sua casa. Para os blockbusters — os grandes sucessos de Hollywood — tinha o cine Atlântida, no Conic e o cine Karim, no Eixinho Sul. Tinham também os cinemas do Conjunto Nacional e depois, foram surgindo os dos outros shoppings. Para os filmes mais cult, eu morava no Cine Brasília, na Cultura Inglesa e no Instituto Goethe. Mais tarde, a Academia de Tênis tinha dez (!) salas com longas-metragens de todo lugar. Cinema era um programa completo: sem pipoca e refrigerantes gigantes, mas sempre com amigos para ver o filme e comentar depois.

Depois da emergência sanitária, talvez a inércia tenha tomado conta de mim. Conto nos dedos de uma mão as vezes em que retornei ao escurinho tão prazeroso. Vi um Almodóvar num dia de férias,

mas minha “retomada” aconteceu com *Ainda estou aqui*. A carreira brilhante do filme, a temática do golpe de 64 (coincidentemente, meu ano de nascimento) e a estrela Fernanda Torres me estimularam. Encontrei muita gente que estava voltando à sala de cinema depois do mesmo hiato que eu. Saímos extasiados com o filme, elogiando todos os prêmios que ele ganhou e prometendo retomar o hábito de frequentar cinemas.

Ficou na promessa. Parece que o cinema perdeu a prioridade para muitos de nós. Por que? Por causa da grande oferta de streaming? Pela falta de disposição de enfrentar o combo estacionamento + ingresso + lanche? Porque agora dá mais trabalho saber qual é a programação de cinema em cartaz?

Tal como aconteceu com “*Ainda Estou Aqui*”, agora é “*O*

Agente Secreto” que pode nos levar de volta às salas de cinema. Os caminhos estão muito parecidos: prêmios internacionais para o filme, indicações para melhor ator, comentários favoráveis e a ditadura militar narrada a partir de um ponto de vista diferente do habitual, fora do eixo Rio-São Paulo.

Meu primeiro desejo para 2026 é ir ver *O Agente secreto* no cinema o mais rápido possível. Driblar os celulares acesos durante a exibição, os comentários geniais entoados a todo volume em tempo real pelo vizinho de cadeira, o ar condicionado no Círculo Polar Ártico. Ficar

duas horas numa sala escura, focado em uma história bem contada — ainda mais num tempo em que a gente não desliga nunca da realidade do aplicativo de mensagens — vale todos os perrengues. Quem sabe o Wagner Moura não me ajuda a recolocar o cinema no meu dia a dia?

